



Anarquismo: um debate histórico e ideológico

Federação Anarquista do Rio de Janeiro

INTRODUÇÃO

O anarquismo está na boca de todos/as. Na boca dos que hoje o assumem como uma referência política, ou na fala de partidos políticos e inimigos de classe (burguesia), preocupados com sua popularização. Com as lutas iniciadas em junho falar em anarquismo é cada vez mais atual. Por isso acreditamos que esse texto pode ajudar nos debates.

O QUE O ANARQUISMO É?

O anarquismo vai muito além da palavra anarquia. Uma compreensão do anarquismo apenas pelo seu radical “anarquia” só pode apontar para uma negação – do governo, do Estado, da autoridade –, ou seja, para elementos “destrutivos”, de crítica social. O anarquismo, no entanto, não possui apenas elementos destrutivos. Ele também possui elementos construtivos, objetivos e estratégias para atingi-los.

Para aprofundar a reflexão sobre os elementos do anarquismo é preciso contextualizar seu surgimento, que está ligado às lutas populares da classe trabalhadora. Os fatos históricos demonstram que o anarquismo surge a partir dos dilemas, das lutas e do contexto histórico de formação da classe trabalhadora na segunda metade do século XIX. É absurdo separar a raiz e o tronco socialista e classista do anarquismo. O anarquismo não surgiu da cabeça de meia dúzia de pensadores (ainda que muitos teóricos tenham dado sua contribuição) e tampouco é uma filosofia “individual”, pois ele surge de uma experiência coletiva que é muito maior que um único pensador: a experiência da classe trabalhadora e de suas lutas. Entender o anarquismo apenas pelo seu radical “anarquia” ou como uma revolta individual é abrir margem para interpretações absurdas que tentam aproximar a ideologia anarquista com teses que lhe são inconciliáveis, como o liberalismo.

O anarquismo é a ala libertária do socialismo que surgiu das discussões e reflexões coletivas da classe trabalhadora. As divergências sobre quais seriam as melhores estratégias para conduzir os trabalhadores a uma sociedade sem classes, acabaram por conformar a própria tradição anarquista e definir também as diferenças desta tradição com outros campos do socialismo, como o marxismo.

Não é coincidência que onde há anarquismo, no final do século XIX, há seções da Associação Internacional dos Trabalhadores, e há perspectivas de formação do sindicalismo revolucionário nos principais centros urbanos do mundo. O anarquismo deseja superar o sistema de dominação e a estrutura de classes da nossa sociedade, que está basicamente dividida em classes com interesses inconciliáveis: as classes dominantes e as classes oprimidas. O conflito social entre essas classes, como o que vimos na greve dos professores, nas lutas de junho, nas favelas e contra o aumento da passagem caracteriza a luta de classes.

A superação do capitalismo pela revolução social está na raiz da proposta econômica anarquista. O anarquismo como ideologia nascida das classes exploradas e instrumento de luta destas realiza uma crítica das relações capitalistas de produção, reprodução e distribuição das riquezas.

O anarquismo também não é sinônimo de individualismo, antiestatismo ou antítese do marxismo. Ele constitui um tipo de socialismo caracterizado por um conjunto preciso de princípios político-ideológicos, que inclui a oposição ao Estado, mas que não se resume a ela. Analisar o anarquismo desse jeito é ignorar outros elementos de suas teses - tais como a crítica a propriedade privada e a gestão coletiva dos meios de produção. O anarquismo contém em sua essência, elementos classistas que lhe são indissociáveis.

Já o individualismo sempre foi historicamente um fenômeno marginal no anarquismo. Independente disso o anarquismo sempre reconheceu a importância de conciliar o socialismo com a liberdade individual e coletiva ao invés de idolatrar chefes e autoridades.

Os debates fundamentais dentro do anarquismo se dão em torno dos seguintes temas: organização, lutas de curto prazo e o papel da violência. As divergências estão nos debates estratégicos, que dão origem às diferentes correntes anarquistas. Por isso é equivocado reproduzir a caricatura burguesa de que há “dezenas de anarquismos” ou que há “tantos anarquismos quanto anarquistas” no mundo. Apesar das diferentes estratégias seu tronco histórico tem princípios políticos muito bem definidos e que demonstram a existência de uma coerência interna.

Os anarquismo que defendemos (e o que foi hegemônico na sua história) não nega a organização e as lutas de curto prazo (saúde, educação, tarifa zero, moradia etc.) como um caminho para se atingir a revolução. Nesse sentido para abolir o Estado, acreditamos que é preciso cada vez mais potencializar as lutas dos movimentos populares, sindicatos e movimentos rurais. Essa é uma luta silenciosa, que muitos não vêem, mas ela é fundamental para a transformação social. Qualquer luta contra o capitalismo deve partir de necessidades materiais dos trabalhadores e as lutas de curto prazo são ferramentas privilegiadas.

Não aceitamos a ação parlamentar pois não há nenhum exemplo da história em que a luta parlamentar trouxe qualquer tipo de mudança social relevante e todos os partidos "radicais" que tomaram a via parlamentar viraram reformistas e apenas geriram o capitalismo.

Não podemos ter a ilusão que nossa vitória será feita de uma só tacada. Uma luta contra o a burguesia e o Estado envolve a busca permanente de força social em direção ao que chamamos de **poder popular**. O poder popular para nós se constrói fortalecendo cada vez mais os movimentos populares. Os atos e manifestações de rua são fundamentais para pressionar governos, a burguesia e políticos, mas precisamos ir além e organizar o povo em movimentos populares que tenham pautas, demandas e sejam combativos. Não podemos também esperar uma revolução que nunca chega, devemos desde já agir de acordo com os fins que queremos atingir. É conquistando as necessidades populares a partir da organização, da luta, da ação direta, sempre visando à destruição final do sistema capitalista e do Estado que criamos uma consciência de classe radical e coletiva. Não podemos ser ingênuos esperando uma solução "pacífica". O Estado e a burguesia nos violentam todos os dias e nunca houve uma revolução sem resistência e violência dos/as oprimidos/as.

Bakunin muito acertadamente viu que o Estado não é "neutro" mas uma forma específica de organização das classes dominantes (é como se o Estado fosse o coletivo por excelência das classes dominantes). Toda vez que um partido político ou grupo de

trabalhadores tomou o Estado, ele se transformou em uma classe dominante particular. Assim, os trabalhadores não podem utilizar o Estado como meio para atingir uma sociedade socialista e libertária visto que fazendo isso, no máximo, o que se pode atingir é a transformação de um restrito setor dos trabalhadores numa nova classe dominante. Qualquer Estado implica dominação e existência de classes sociais. Portanto, para um projeto de emancipação, os anarquistas defendem que os "fins não justificam os meios". Somente por meios libertários e igualitários podemos caminhar a uma sociedade socialista libertária. Não defendemos uma organização ideal, defendemos o auto-governo dos/as trabalhadores/as. Não se trata de um sistema *perfeito*, mas algo que se está construindo desde já e é criado a partir da experiência histórica e concreta da classe trabalhadora depois de uma ruptura revolucionária.

O anarquismo sempre foi uma ferramenta de luta dos trabalhadores. Se não fosse desse jeito, sua extensão e impacto históricos não teriam sido tão amplos: presente desde 1868 aos dias de hoje, e com presença registrada nos cinco continentes. A principal tarefa à qual se dedicaram os anarquistas foi a construção de sindicatos revolucionários e a participação nesses sindicatos e movimentos populares.

Por fim, o anarquismo também não é negação da política, do poder. O anarquismo baseia-se em análises racionais, métodos e teorias que não são idealistas (explicações metafísicas/teológicas). Essas análises são feitas para tentarmos compreender "onde estamos" e "onde queremos chegar". Para isso defendemos que os anarquistas estejam organizados, no nível político, como um grupo coeso, com discussão política e ideológica avançada, com critérios de ingresso, uma estratégia bem definida e um estilo militante de trabalho nos movimentos, de forma que isso lhes dê força suficiente para atuar no âmbito das lutas, dos movimentos sociais. Defendemos a organização política não num sentido vanguardista de lutar pelos movimentos ou trabalhadores, mas defendendo a minoria ativa que luta sempre ombro a ombro com os movimentos e respeita o seu tempo.

Defendemos uma concepção de política e de poder (popular). O que condenamos é um determinado tipo instituído de relação de poder, que é a dominação (econômica, política, social), cujo pilar não é apenas o sistema de produção capitalista, mas também o Estado, a religião institucionalizada, a educação dominante, o imperialismo, a dominação de gênero e de raça. Para nós, a crítica a dominação de classe possui grande relevância. Além da crítica do sistema de dominação, os anarquismo defende um sistema de autogestão generalizada e de estratégias capazes de promover a transformação social de um sistema para outro. O poder para os anarquistas está na tomada das fábricas, dos bairros, dos meios de produção, das minas, das ruas e finalmente no que os zapatistas chamam de "povo em armas", que é quando o povo num processo de ruptura revolucionária se arma e se autodefende. A concepção de liberdade do anarquismo sempre foi social. "Ser coletivamente livre é viver no meio de homens livres e ser livre pela liberdade deles" afirmou Bakunin. Não é possível para os anarquistas, portanto, ter liberdade no capitalismo enquanto o outro é escravo.

Os anarquistas têm idéias bem definidas a respeito da economia ou da sociedade. Essas idéias foram postas em prática na Espanha e em outros processos revolucionários, como na Comuna de Paris, Revolução Ucraniana e Russa, Revolução Mexicana, a Comuna da Manchúria, entre tantos. Na Espanha em 1936, trens, ônibus, cinemas e 70% da produção industrial de sua região mais industrializada foi autogerida pelos trabalhadores com sucesso, mesmo num contexto de guerra civil e de luta contra o fascismo. Não se pode dizer que não houve problemas e críticas que devem ser feitas, mas os anarquistas não pretendem resolver todos os problemas antecipadamente, pois

sabem que muitas das questões deverão ser resolvidas pelo próprio povo em realidades concretas.

A luta popular e a auto-organização dos trabalhadores mostram que vale à pena lutar e caminhar com o anarquismo. Mas precisamos ir além. Precisamos nos organizar em movimentos populares e fazer com que o poder popular se espalhe pelas fábricas, bairros, favelas, assentamentos e ocupações. Precisamos criar ferramentas de luta que dêem resposta às necessidades populares. Esse é o papel que queremos ajudar a cumprir junto a outros movimentos e organizações e é para isso que existe o anarquismo.

Anarquismo é luta!



Texto disparador 2

A transformação social construímos no agora – Prática política, ética e estilo militante

Federação Anarquista do Rio de Janeiro

“Para nós a importância maior não reside naquilo que se consegue, pois conseguir tudo o que queremos significaria que todos aceitassem e praticassem a anarquia, o que não será feito em um dia nem por meio de um simples ato insurrecional. O importante é o método com o qual se consegue o pouco ou o muito.”

Malatesta

“A esquerda tradicional tem sido sectária, dogmática e tem frequentemente ignorado a realidade ao seu redor. Não acredito que os anarquistas, no geral, tenham sido muito melhores. É hora de dar o exemplo. Devemos apontar para a construção de espaços de discussão e mudar os hábitos maléficis em nosso movimento, que não contribuem com o debate e que mais entorpecem o desenvolvimento do necessário espírito crítico que o movimento revolucionário tanto necessita para fazer frente às difíceis tarefas de regeneração social que temos adiante.”

José Antonio Gutiérrez Danton

Para Malatesta cada fim requer seus meios, e se lutamos por um fim diferente do sistema de dominação e exploração capitalista os meios para atingi-lo também devem ser diferentes. Nesse sentido, entendemos como ética e estilo militantes os valores que conduzem nossa prática política cotidiana, em permanente diálogo com a realidade e em coerência com nosso método e com nossa concepção de trabalho. O germe de uma sociedade mais justa, igual e livre de exploração e dominações está na maneira como atuamos no “agora”, e isso não pode ser deixado pra depois. Está na forma como nos organizamos, por meio do federalismo, da autogestão e da ação direta. Está na intenção que damos a nossas práticas e às relações nos meios social e político; com os setores populares, com outros(as) militantes e companheiros(as) e na relação entre organizações políticas. O que equivale a dizer que o estilo militante é a busca da coerência entre as práticas do(a) militante, e do conjunto da militância, com os princípios, métodos e a linha política de uma organização.

Além de definir um programa estratégico com propostas concretas de intervenção na realidade, uma organização anarquista deve buscar uma prática política consequente com um determinado estilo militante, que servirá como elemento fundamental para a construção do poder popular e da transformação social. A prática também é ferramenta de propaganda e contribui para que se forme opinião favorável à organização, uma vez que é na vivência da luta e no convívio com os(as) militantes que se constrói

cumplicidade no trabalho de base e novos(as) companheiros(as) e apoiadores(as) vão se aproximar.

É importante pontuarmos que não idealizamos um ser humano perfeito, muito menos um tipo de militante infalível. Os mais diversos problemas e contradições vão estar presentes nas dinâmicas das lutas ou nos processos revolucionários, e é nos organizando para superá-los, ou reduzi-los ao máximo, que avançamos. Há inúmeros exemplos, contemporâneos ou históricos, onde a proposta anarquista contribuiu para a organização e os embates pelas demandas dos trabalhadores e trabalhadoras. Pois nossa convicção ideológica se dá pela prática, nossa teoria é para atuar na realidade e nosso programa é fruto das lutas cotidianas.

Errar e trabalhar para corrigir os erros nutre nosso aprendizado e gera acúmulo político e amadurecimento. Também é fundamental sabermos fazer a crítica fraterna ao(à) companheiro(a) quando é necessário, e termos humildade para assumir quando erramos, fazer a autocritica e nos esforçar para mudar nossa conduta. Nada de fazer “vista grossa” ou “passar a mão na cabeça” quando se identifica um problema relativo à prática de algum(a) companheiro(a). Quando os(as) militantes e a organização se omitem de encarar estes problemas, e não os pautam nas instâncias coletivas adequadas, pode-se gerar uma “panela de pressão” que poderá minar a relação orgânica, prejudicar o trabalho de base e gerar desentendimentos que, de outra forma, poderiam ser evitados.

Assim, o exercício da crítica e do debate devem ser encarados como importantes ferramentas organizativas, postas a serviço da prática e tendo esta também como ponto de partida, seja nos níveis político ou social. Não a crítica como mero exercício intelectual, o debate pelo debate ou com o objetivo único de mudar a consciência de cada indivíduo. Pois não é simplesmente a mudança de consciência das pessoas que altera a realidade, mas é na construção de um determinado sujeito de transformação social nos processos cotidianos de luta contra o sistema de dominação e exploração. Esses sujeitos (negros, camponeses, favelados, estudantes, jovens, indígenas, mulheres etc.) vão se incorporando à organização, trazendo suas experiências e lutas.

Sabemos que o processo de identificar e mudar as práticas com que somos formatados(as) pelo sistema de opressão e dominação não é algo que ocorre da noite para o dia. Mas devemos estar atentos para não agirmos de maneira egoísta e vaidosa ou reproduzir atitudes preconceituosas, sexistas, machistas, homofóbicas ou outras formas de opressão e autoritarismos com os(as) companheiros(as). E quando isso ocorre o coletivo deve ajudar o(a) companheiro(a) a reconhecer e mudar sua conduta, mas considerando sua realidade e suas limitações, sem querer crucificá-lo(a), caricaturá-lo(a) ou exigindo dele(a) uma “pureza” impossível na vida real.

Também é importante saber motivar aquilo que o(a) militante tem de positivo, reconhecendo as diferentes potencialidades, temperamentos e singularidades. Estimular nele(a) o exercício da delegação, a iniciativa, a participação e o posicionamento nas instâncias coletivas. Saber ouvir e saber debater, mesmo diante das posições divergentes, fazendo sempre esforço para se chegar aos acordos coletivos sem fazer “cavalo de batalha”. Priorizar a construção coletiva em vez das práticas voluntaristas descoladas da estratégia, o que é diferente da capacidade de iniciativa de cada um para ajudar naquilo que for possível. Como também prezarmos pela organicidade em vez das relações e estruturas políticas informais, de caráter personalista ou paternalista, o que pode dar

margem para desigualdades e manipulações políticas no interior do coletivo. Evitar o personalismo é fortalecer as estruturas coletivas e ter claros os critérios de atuação para todos(as).

Nos diferentes níveis de atuação, o(a) militante deve entender que sua prática política, além de ser o “rosto” de sua organização, é também referência para os outros, positiva ou negativamente. Por isso é importante cultivarmos o espírito de fraternidade e apoio mútuo nos espaços de trabalho, estimulando e promovendo a máxima confiança, ética e camaradagem entre os(as) companheiros(as). E, principalmente nos trabalhos sociais, não ser arrogante achando que vai levar a “verdade” ao povo, mas saber primeiro ouvi-lo e aprender com a sabedoria, realidade e cultura populares.

Espera-se do(a) militante uma atitude atenta ao conjunto de sua organização para além de seu trabalho específico, contribuindo e buscando soluções para organizar e articular os trabalhos nos diferentes espaços em que se inserem, ajudando na construção de uma política onde os campos de luta em que atua a organização dialoguem cada vez mais. Que saiba equilibrar sua participação ao contribuir e comprometer-se tanto com as tarefas de funcionamento interno da organização quanto com as tarefas externas, relativas aos trabalhos de base. Agindo com responsabilidade e comunicar ao coletivo quando da impossibilidade de cumprir determinada tarefa. Pois ter imprevistos e problemas é normal, mas a falta de comunicação prejudica a organicidade. Por outro lado, estar sobrecarregado de tarefas também não significa que a política está avançando, mas que talvez não estejamos atuando com planejamento ou estabelecendo prioridades.

A formação é outro elemento importante, principalmente quando se pensa numa política articulada com as demais atividades internas da organização e preocupada com o acolhimento do(a) militante e dos recém ingressos junto ao trabalho de base. Complementada com uma formação teórica que vai fortalecer e qualificar a prática do(a) militante, dotando-o(a) das ferramentas necessárias para produzir e reproduzir as propostas da organização. Também, todo(a) aquele(a) que recém ingressa deve compreender que o processo não recomeça do zero naquele momento, e que ele(a) irá contribuir da melhor maneira possível para multiplicar força num processo que já vem caminhando com outros(as) companheiros(as) e que tem seus acúmulos. Todos os militantes constroem a organização mas devem saber respeitar as deliberações coletivas e atuar a partir destas.

No nível social a atuação nas bases nos ensina muitas coisas, seja em movimentos sociais do campo, da cidade, nos locais de trabalho, de estudo ou em iniciativas de resistência em favelas e periferias. Devemos contribuir para que os espaços coletivos que ajudamos a construir sejam agradáveis e estimulem a participação de todos. Uma vez que a dominação e a exploração capitalistas trabalham para afastar o povo da participação política, colocando a via eleitoral e o individualismo como referenciais, em nossos trabalhos o exercício da política e da militância não deve parecer às pessoas como algo chato ou coisa só para “profissionais”, distante de sua realidade. Uma reunião ou assembléia de base esvaziada indica que podemos estar fazendo alguma coisa errada. Um determinado estilo militante aplicado ao trabalho de base também pode estimular pedagogicamente, se proporciona condições de maior participação nos espaços de deliberação, considerando as realidades e limitações de cada um. Por exemplo, mesmo com uma modesta experiência no campo comunitário, podemos dar o testemunho de que um trabalho focado estrategicamente e com base numa relação de

igualdade, respeito e estímulo à participação política teve como consequência a aproximação de pessoas em distintos níveis de participação, desde o mais pontual até o mais orgânico. Aos poucos vão se estabelecendo importantes relações de identidade com nossas propostas, sabendo valorizar as iniciativas populares de resistência e articular politicamente os trabalhos.

Ao mesmo tempo, no nível político também devemos prezar por uma ética e estilo militante nas relações com outras organizações políticas e correntes da esquerda. A atuação em espaços mais amplos e de diversidade ideológica como fóruns, campanhas e mobilizações nos colocam outros desafios. Nossas propostas não são as únicas e não vamos nem queremos estar sozinhos nos processos de luta. Para fazer frente aos poderosos e opressores muitas vezes vamos estar compondo com outros setores da esquerda construindo consenso a partir do que há de acordo comum, o que não significa abandonar nossos princípios. Seria muito cômodo compormos politicamente apenas com quem temos concordância ou afinidade ideológica, mas isso seria adotar o principismo como política de atuação, o que não faz avançar a luta nem enriquece nossas experiências.

É comum passar por situações de desacordo, divergências políticas ou falta de conduta ética por parte de indivíduos ou grupos, mas para além do denunciismo, nosso foco deve estar em divulgar e fazer avançar nossas propostas. Precisamos saber diferenciar os inimigos de classe dos adversários ideológicos. Sem isso corremos o risco de atuar como um “rolo compressor” nos espaços políticos, reduzindo-os à espaços de disputa ou de “captura” de militantes apenas.

Devemos saber encaminhar as divergências com serenidade e evitar conflitos e polêmicas desnecessárias, diferenciando as divergências de princípios daquelas de estratégia ou tática e reconhecendo os méritos alheios. Antes de ser críticos, ser autocríticos. Defendemos o anarquismo com firmeza diante de ataques e calúnias, e fazemos a luta ideológica quando preciso, mas colocando nossas posições e opiniões sem dogmatismo e contextualizando nossas críticas em vez de generalizá-las a toda uma corrente, grupo ou ideologia. Há discussões que devem ser feitas e as divergências muitas vezes vão existir, mas que se façam sem sectarismos ou dogmatismos.

Publicamente, devemos saber nos posicionar sem virulência febril, que faz parecer que estamos mais preocupados em afirmar nossas posições ou competir com outra corrente ou organização do que em nos ocuparmos dos problemas cotidianos dos(as) oprimidos(as) e explorados(as). Não se convence ou se persuade simplesmente com violência na linguagem ou falando alto. Vaidade teórica e ideológica são faces da mesma moeda. E sobretudo hoje devemos ficar mais atentos com as ferramentas de comunicação virtual e as redes sociais, que por sua própria característica de funcionamento, acabam facilitando e estimulando esse tipo de prática nociva.

Desse modo, ética e estilo militantes não são entendidos por nós como dogmas, mas como concepções de trabalho a serem encarnadas em nossas práticas políticas e, dessa forma, buscam atuar as organizações da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB). E nossa militância nos setores de luta do campo e comunitário, em trabalhos de produção coletiva, grêmios estudantis, pré vestibulares, educação popular e cultura, como nas mobilizações e fóruns populares de articulação, buscamos estimular e influenciar, mas também somos modificados no cotidiano das lutas. E é inserida nessas dinâmicas

sociais que uma base ética e uma concepção de estilo militantes também se forjam e se qualificam enquanto frutos de amadurecimento político e reflexão nas lutas cotidianas.